

CAPÍTULO 9

BILINGUISMO LIBRAS - PORTUGUÊS SOB A ÓTICA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA: CONCEPTUALIZAÇÃO, CORPOREIDADE E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM SUJEITOS SURDOS

 <https://doi.org/10.68044/pr36y182>

Flavia Luiza Fernandes Caldas ¹

Mestranda em Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos pela Universidade Católica Portuguesa (UCP).



RESUMO: Este artigo discute o bilinguismo Libras–Português sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, focalizando os processos de conceptualização, corporeidade e construção de sentidos em sujeitos surdos. Parte-se da compreensão de que Libras e português mobilizam modalidades semióticas distintas e repertórios que se articulam de maneira dinâmica no funcionamento bilíngue. Por meio de pesquisa bibliográfica qualitativa, examinam-se estudos brasileiros sobre bilinguismo bimodal, português como segunda língua, metáfora conceptual, iconicidade, esquemas imagéticos, processamento cognitivo, tradução e multimodalidade. A análise evidencia que a experiência visuoespacial e corporal participa da organização conceptual em Libras, sem determinar de forma homogênea a cognição das pessoas surdas. No contato com o português escrito, a Libras pode atuar como língua de mediação, favorecendo relações entre repertórios linguísticos e conhecimentos prévios. Conclui-se que uma abordagem cognitiva do bilinguismo surdo deve integrar corpo, experiência, contexto sociocultural, visualidade e práticas discursivas, reconhecendo a heterogeneidade dos percursos linguísticos e educacionais dos sujeitos surdos.

Palavras-chave: Bilinguismo bimodal; Libras; Linguística Cognitiva; Conceptualização.

INTRODUÇÃO

O bilinguismo de sujeitos surdos no Brasil constitui um fenômeno linguístico, cognitivo e sociocultural que não pode ser reduzido à simples coexistência de dois códigos. A relação entre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a língua portuguesa envolve línguas de modalidades distintas, trajetórias de aquisição heterogêneas, funções sociais específicas e formas diversas de acesso ao conhecimento. Em muitos percursos, a Libras ocupa a posição de primeira língua e de língua de interação direta, enquanto o português se apresenta principalmente em sua modalidade escrita, como segunda língua. Essa configuração produz um campo de contato no qual experiências visuais, corporais, espaciais e discursivas participam ativamente da elaboração de significados, ao mesmo tempo em que a escrita em português amplia as possibilidades de circulação social, acadêmica e profissional.

A caracterização desse fenômeno como bilinguismo bimodal é particularmente relevante porque explicita que o contato linguístico não ocorre apenas entre sistemas lexicais e gramaticais diferentes, mas também entre modalidades de produção e percepção distintas. Rubio e Souza (2021) demonstram, em estudo sociolinguístico com participantes surdos de São Carlos, que Libras e português assumem funções complementares e variáveis na vida cotidiana. Os autores observam que o português mantém papel importante na comunicação,

sobretudo pela escrita, enquanto a Libras organiza interações em espaços comunitários e em outras situações de uso. Tal cenário desautoriza concepções rígidas de bilinguismo baseadas em proficiência idêntica nas duas línguas e reforça a necessidade de analisar o repertório bilíngue a partir de usos, contextos, finalidades e histórias linguísticas concretas.

A Linguística Cognitiva oferece instrumentos produtivos para aprofundar essa discussão. Em lugar de tratar o significado como conteúdo estático associado a formas linguísticas autônomas, essa perspectiva compreende a linguagem em articulação com processos de conceptualização, experiência corporal, percepção, memória, cultura, contexto e interação. Aplicada às línguas de sinais, essa orientação permite investigar como o espaço de sinalização, as configurações corporais, os movimentos, a iconicidade, os esquemas imagéticos e as metáforas conceptuais participam da produção de sentidos. Os trabalhos de Santos (2017), Souza e Santos (2019), Sessa e Bernardo (2022) e Sessa, Souza e Nunes (2025) evidenciam que fenômenos tradicionalmente estudados em línguas orais também podem ser analisados em Libras, respeitando-se as especificidades de sua modalidade visuoespacial.

A noção de conceptualização é central para este debate porque desloca a atenção de uma suposta equivalência direta entre palavra, sinal e realidade para o modo como os usuários constroem

perspectivas sobre suas experiências. Em Libras, conceitos abstratos podem ser organizados espacialmente e associados a movimentos do corpo, direções e relações perceptuais. Sessa e Bernardo (2022), por exemplo, mostram que sinais relacionados ao tempo mobilizam mapeamentos como PASSADO É PARA TRÁS, FUTURO É PARA FRENTE e PRESENTE É LOCUS. Esses padrões não devem ser compreendidos como simples desenhos do mundo, mas como construções cognitivas que articulam experiência sensório-motora, convenções linguísticas, história dos sinais e práticas culturais. A modalidade visual, portanto, fornece recursos particulares para a expressão de estruturas conceptuais sem tornar a Libras menos abstrata ou menos convencional.

Essa preocupação é igualmente importante na análise do português escrito como segunda língua. Silva (2017) destaca que a aprendizagem de português por surdos envolve especificidades relacionadas à apreensão visual da escrita e à mediação da Libras. Claudio e Quiles (2022) reforçam que a Libras, enquanto L1, pode constituir uma base linguística decisiva para as negociações de sentido implicadas no ensino da L2. Nessa direção, a escrita em português não deve ser apresentada como substituição da língua de sinais, mas como ampliação do repertório do sujeito bilíngue. O contato entre as duas línguas exige estratégias que permitam comparar formas de expressão, mobilizar conhecimentos conceptuais já construídos e reconhecer que

uma mesma experiência pode ser perspectivada por recursos linguísticos e semióticos diferentes.

Diante dessas questões, o objetivo deste artigo é analisar o bilinguismo Libras–Português sob a ótica da Linguística Cognitiva, discutindo como conceptualização, corporeidade, visualidade e contexto participam da construção de sentidos em sujeitos surdos. Busca-se, especificamente, articular três eixos: a caracterização do bilinguismo bimodal e do português escrito como L2; os fundamentos cognitivos relacionados à corporificação, à iconicidade e à metáfora conceptual; e as implicações desses processos para a mediação entre Libras e português em práticas de leitura, aprendizagem, tradução e produção de conhecimentos.

O trabalho assume natureza bibliográfica e qualitativa. O referencial foi constituído prioritariamente pelos estudos disponibilizados para esta pesquisa, selecionados por sua relação com Linguística Cognitiva, Libras, bilinguismo, processamento linguístico, português como segunda língua, tradução e educação bilíngue. A análise não pretende produzir um modelo universal de cognição surda, mas estabelecer relações teóricas entre achados de diferentes pesquisas brasileiras. A hipótese que orienta a discussão é que o bilinguismo Libras–Português pode ser mais adequadamente compreendido quando as duas línguas são consideradas como recursos de conceptualização e ação social, cujos sentidos emergem da

interação entre corpo, experiência, modalidade linguística, cultura e contexto discursivo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Bilinguismo bimodal: Libras como L1 e português escrito como L2

A compreensão do bilinguismo de sujeitos surdos exige inicialmente uma revisão da ideia de bilíngue como indivíduo que domina duas línguas em níveis equivalentes e em todas as situações. Em comunidades surdas, as línguas podem ser adquiridas em momentos diferentes, empregadas com interlocutores distintos e associadas a modalidades também diferentes. Rubio e Souza (2021) mostram que a alternância entre Libras e português ocorre em função das condições concretas de interação. No perfil investigado pelos autores, o contato entre as duas línguas produz uma situação bimodal: a Libras se realiza por meio visuoespacial, enquanto o português, para grande parte dos participantes, aparece sobretudo em sua modalidade escrita. Assim, grau de uso, função, alternância e interferência variam de pessoa para pessoa.

Silva (2017) situa o português como segunda língua dos surdos brasileiros dentro de um campo maior de ensino de português a falantes de outras línguas, mas ressalta especificidades do grupo. Entre elas estão a centralidade da modalidade escrita, a relação visual com os textos e a mediação da língua de sinais nos processos de

aprendizagem. Essa formulação afasta a ideia de que ensinar português a estudantes surdos significa reproduzir métodos voltados a ouvintes ou tomar a oralidade como caminho obrigatório para a escrita. A L2 precisa ser ensinada considerando o repertório linguístico do aprendiz e os modos pelos quais ele acessa e organiza informações.

Claudio e Quiles (2022) chegam a conclusão convergente ao defenderem que a aquisição da Libras como L1 oferece base para o ensino da língua portuguesa como L2. O ponto não é estabelecer uma hierarquia cognitiva rígida entre as línguas, mas reconhecer que uma língua plenamente acessível cria condições para interação, explicitação de conceitos, negociação de hipóteses e reflexão metalinguística. A escrita em português pode, então, ser apresentada por meio de relações semânticas, gêneros discursivos, imagens, situações comunicativas e comparações entre modos de expressão, em vez de ser reduzida à memorização de correspondências formais.

Martins (2025) acrescenta que um modelo educacional bilíngue exige condições institucionais para funcionar: professores capazes de ensinar em Libras, materiais bilíngues, recursos visuais e políticas que assegurem acessibilidade linguística. O bilinguismo, portanto, não se realiza apenas como atributo individual; depende de ambientes em que as línguas possam circular com funções legítimas. Esse aspecto aproxima a discussão educacional da Linguística

Cognitiva, pois a construção de sentidos é inseparável das situações concretas em que os sujeitos usam a linguagem.

A própria pesquisa sobre PL2 para surdos reconhece que ainda há necessidade de ampliar propostas pedagógicas e estudos específicos. Silva sintetiza esse desafio nos seguintes termos:

As pesquisas e práticas relacionadas ao ensino de PL2 para surdos têm ganhado muito com o intercâmbio com a área de ensino de português para falantes de outras línguas nos últimos anos, mas é preciso avançar no desenvolvimento de novas propostas e estratégias de ensino adequadas a esses aprendizes. Assim, enfatizamos a importância do desenvolvimento de pesquisas na área para que o ensino de PL2 para surdos possa realmente responder às necessidades e anseios da comunidade surda (Silva, 2017, p. 147).

A passagem evidencia que o reconhecimento do português como L2 é apenas o ponto de partida. Para uma abordagem coerente com o bilinguismo bimodal, é necessário investigar como a língua escrita é compreendida, quais recursos de Libras são mobilizados, como conhecimentos conceptuais transitam entre modalidades e quais práticas favorecem autoria e autonomia. A questão cognitiva, nesse sentido, não se separa da questão pedagógica: ambientes que permitem ao estudante formular e discutir conceitos em Libras ampliam as possibilidades de atribuir sentido aos textos em português, enquanto atividades de leitura e escrita podem criar redes de associação e categorização.

Linguística Cognitiva, conceptualização e corporeidade

A Linguística Cognitiva parte de uma compreensão da linguagem como dimensão integrada à cognição geral. Em vez de separar rigidamente estrutura linguística, percepção e experiência, esse campo investiga como categorias, perspectivas, metáforas, esquemas espaciais e conhecimentos enciclopédicos participam da significação. Para o estudo da Libras, essa orientação é especialmente fértil porque permite considerar a participação explícita do corpo e do espaço de sinalização sem reduzir a língua a gestos imitativos. O corpo é simultaneamente condição material de produção e fonte de experiências recorrentes que podem estruturar conceptualizações.

Sessa e Bernardo (2022) apresentam a perspectiva experiencialista da Linguística Cognitiva como base para compreender a relação entre significado e experiência corpórea:

A Linguística Cognitiva (LC) caracteriza-se como um arcabouço teórico que adota uma visão experiencialista como uma de suas assunções basilares. Nessa concepção, a natureza orgânica influencia a experiência de mundo refletida no uso da língua, de modo que os significados construídos são influenciados pelas experiências corpóreas. Essa é a tese da corporificação dos sentidos, em que a mente é corporificada, por isso as experiências do corpo assumem um papel fundamental no modo como pensamos e na formação da gramática (Sessa; Bernardo, 2022, p. 184).

A corporificação não significa que toda estrutura linguística seja uma reprodução direta da anatomia ou da percepção. Ela indica que experiências sensório-motoras oferecem padrões recorrentes para a organização conceptual. Relações como dentro/fora, acima/abaixo, origem/percurso/meta, frente/trás e proximidade/distância podem ser abstraídas e aplicadas a domínios menos concretos. Em uma língua visuoespacial, esses esquemas podem ganhar manifestação particularmente saliente porque direção, localização e movimento são componentes disponíveis para a organização gramatical e discursiva.

A conceptualização, por sua vez, refere-se ao processo pelo qual uma experiência é apreendida sob determinada perspectiva. Não há apenas uma etiqueta linguística ligada a uma entidade pronta; há seleção de propriedades, enquadramento, relações entre domínios e ativação de conhecimentos contextuais. Santos (2017) enfatiza esse caráter processual ao aproximar Semântica Cognitiva e Libras:

Um piscar de olho ou um olhar contumaz para alguém, uma pintura, um desenho, um sinal, uma mímica, uma palavra, um texto, enfim, tudo o que comunica possui forma e significado. Para a Semântica Cognitiva, o significado está vinculado à representação mental e é o resultado de nossas conceitualizações, construídas a partir de nossa exposição ao mundo e de nossas interações com ele. Como resultado de nossas conceitualizações, uma mesma unidade simbólica (palavra ou sinal) em dois ou mais contextos de uso pode indicar significados distintos (Santos, 2017, p. 420).

A consequência dessa formulação é decisiva para o bilinguismo Libras–Português. Se o significado é construído em contexto, não se espera correspondência biunívoca entre um sinal e uma palavra. Mesmo quando existem equivalentes dicionarizados, a escolha de uma forma depende do enquadramento discursivo, da intenção comunicativa, do gênero, do interlocutor e da perspectiva adotada. Traduzir, ler ou escrever em um repertório bilíngue exige reconstruir relações conceptuais e não simplesmente substituir unidades. Essa compreensão ajuda a explicar por que traduções literais entre português e Libras frequentemente são insuficientes e por que o ensino de L2 precisa trabalhar sentidos em situações de uso.

Silva e Machado (2025) reforçam essa interpretação ao analisar a corporeidade em práticas de tradução Libras–Português. Os autores sustentam que o corpo do tradutor participa da construção do sentido por meio de gestos, expressões, orientação e organização espacial. A tradução, nessa perspectiva, evidencia de maneira concentrada um princípio mais amplo: o significado depende de escolhas de conceptualização adequadas ao sistema semiótico e ao contexto da língua-alvo. Para sujeitos bilíngues, a experiência com duas modalidades favorece o desenvolvimento de estratégias de reconfiguração, comparação e integração, embora tais estratégias variem segundo repertório e experiência de cada usuário.

É importante distinguir, nesse ponto, corporeidade de determinismo biológico. A literatura examinada permite afirmar que corpo e percepção participam da construção semântica, mas não autoriza concluir que pessoas surdas compartilham uma cognição uniforme. O corpo é vivido social e culturalmente; experiências são interpretadas por meio de práticas discursivas; e a própria Libras apresenta variação, convencionalidade e historicidade. Assim, conceptualização é simultaneamente corporal, linguística, contextual e sociocultural.

Metáfora conceptual, iconicidade e esquemas imagéticos na Libras

A metáfora conceptual constitui um dos instrumentos mais produtivos para observar a relação entre experiência e abstração. Na perspectiva cognitiva mobilizada pelos estudos selecionados, metáforas não são apenas figuras estilísticas: elas podem estruturar modos recorrentes de compreender um domínio em termos de outro. A Libras oferece dados particularmente expressivos porque relações espaciais e movimentos podem tornar visíveis mapeamentos que, em línguas orais, são realizados predominantemente por itens lexicais e construções sintáticas.

Sessa e Bernardo (2022) analisam sinais relacionados ao tempo e identificam mapeamentos como PASSADO É PARA TRÁS,

FUTURO É PARA FRENTE, PRESENTE É LOCUS e VIDA É JORNADA. A relevância desse resultado está em mostrar que conceitos abstratos podem ser organizados com base em experiências de deslocamento, orientação corporal e percurso. O futuro associado à região à frente do corpo, por exemplo, articula posição espacial e estrutura conceptual; o passado situado atrás relaciona eventos já percorridos à orientação do sujeito no espaço. A língua não apenas “mostra” o tempo: ela oferece uma maneira convencionalizada de construí-lo cognitivamente.

Sessa, Souza e Nunes (2025) encontram padrão convergente em análise de metáforas conceptuais presentes na tradução de uma música para Libras. As autoras identificam BOM É PARA CIMA, RUIM É PARA BAIXO e FUTURO É PARA FRENTE, demonstrando que a conceptualização espacial também pode contribuir para a organização estética da sinalização. O dado amplia a discussão porque evidencia que metáfora conceptual, modalidade visual e expressividade artística não são dimensões isoladas. Na construção de sentido, direção, movimento, ritmo corporal e escolhas lexicais podem operar conjuntamente.

Souza e Santos (2019) defendem que as metáforas conceptuais participam de processos cognitivos fundamentais da Libras. Ao discutirem diferenças experienciais entre surdos e ouvintes, afirmam que “para o surdo, a visão será ainda mais influente para o seu processo

de significação e compreensão do mundo que o cerca” (Souza; Santos, 2019, p. 36). A afirmação deve ser interpretada com cautela, evitando transformá-la em regra universal, mas chama atenção para o peso que a percepção visual pode adquirir em comunidades que usam uma língua visuoespacial. O ponto central é que a experiência perceptiva oferece matéria para conceptualizações, sem eliminar a convencionalidade e a diversidade de usos linguísticos.

A iconicidade também precisa ser compreendida de modo não simplista. Santos (2017) argumenta que sinais relacionados a emoções e domínios abstratos podem combinar razão, imaginação, metáfora, iconicidade e experiências corporificadas. Iconicidade, nessa abordagem, não significa que o sinal seja uma cópia transparente do referente. A forma pode ser motivada por uma perspectiva culturalmente selecionada, por uma metáfora ou por uma associação entre experiências. Um sinal pode apresentar traços visualmente motivados e, ao mesmo tempo, depender do conhecimento linguístico da comunidade para ser interpretado.

Os esquemas imagéticos ajudam a explicar essa continuidade entre experiência e abstração. Em vez de imagens detalhadas, trata-se de padrões recorrentes derivados de relações como PERCURSO, CONTÊINER, CENTRO–PERIFERIA, CIMA–BAIXO e FRENTE–TRÁS. Sessa e Bernardo (2022) mostram que o esquema PERCURSO contribui para conceptualizações temporais em Libras. Quando o

sujeito associa origem, trajetória e meta à organização de acontecimentos, uma experiência corporal concreta fornece estrutura para um domínio abstrato. Em bilinguismo, ela estrutura conceitual pode ser expressa por formas diferentes em Libras e em português, o que torna a comparação entre línguas uma oportunidade para explicitar modos de conceptualização.

Visualidade, leitura e processamento entre Libras e português

A visualidade ocupa lugar central nas discussões sobre bilinguismo surdo, sobretudo quando se considera que o português é frequentemente acessado pela escrita. Silva (2017) reúne pesquisas que apontam uma relação diferenciada de estudantes surdos com o texto escrito, destacando a apreensão visual, a mediação da Libras e a necessidade de metodologias próprias. Essa constatação não significa que a leitura de pessoas surdas seja exclusivamente visual em um sentido simples; significa que a ausência ou a menor disponibilidade de pistas fonológicas auditivas pode favorecer outras estratégias de reconhecimento, associação e construção de significado.

Ao discutir essa questão, Silva (2017, p. 142) recupera um resultado apresentado por Costa (2001) e registra a formulação de Kato (1987 *apud* Costa, 2001, p. 114-115), segundo a qual “o que teríamos, então, seria um léxico visual, e não fonológico”. A citação de citação é relevante por sintetizar uma hipótese sobre rotas de acesso

à palavra escrita em leitores surdos. Contudo, não deve ser entendida como descrição única de todos os leitores: competência em português, escolarização, repertório lexical, idade de aquisição das línguas e experiência de leitura produzem perfis variados.

Capovilla e Cecconi (2022) abordam o processamento de português e Libras por meio de diferentes canais perceptivos e sistemas de representação. O estudo diferencia padrões relacionados à língua portuguesa falada, à leitura orofacial, à escrita e à estrutura dos sinais de Libras. Para os autores, investigar leitura e sinalização exige considerar unidades e operações distintas. Mesmo adotando uma terminologia própria para descrever esses processos, o trabalho contribui para demonstrar que o acesso à linguagem depende da modalidade e que comparar português e Libras requer observar como informação visual, grafêmica, manual e facial é processada.

Do ponto de vista da Linguística Cognitiva, esses resultados podem ser relacionados à noção de construção de sentidos. Reconhecer uma palavra escrita não se esgota na identificação de letras; envolve ativar conhecimento semântico, contexto e expectativas discursivas. Do mesmo modo, compreender um sinal não se reduz a identificar configuração de mão, movimento e localização; tais parâmetros integram uma unidade simbólica inserida em construções maiores. O sujeito bilíngue lida, portanto, com formas

diferentes de materializar significados e precisa articular essas formas a redes conceituais que se desenvolvem ao longo da experiência.

A Libras pode desempenhar papel mediador nesse processo. Silva (2017) assinala que aprendizes surdos usam a língua de sinais em interações face a face, inclusive em situações de ensino de português. Claudio e Quiles (2022) defendem que a L1 constitui base para negociações necessárias à aprendizagem da L2. Pedagogicamente, isso significa que explicações sobre vocabulário, relações gramaticais, gêneros textuais e sentidos implícitos podem ser construídas em Libras, permitindo que o estudante compreenda o conceito antes de concentrar-se na forma escrita em português. Essa mediação evita confundir dificuldade de acesso linguístico com dificuldade cognitiva.

Corpo, espaço, tradução e multimodalidade na construção de sentidos

Os estudos de tradução e terminologia oferecem evidências importantes sobre a articulação entre corpo, espaço e significado. Silva e Machado (2025) defendem que a tradução entre português e Libras ultrapassa a transposição literal, porque a língua-alvo exige reorganizar o conteúdo em uma modalidade visual, corporal e espacial. Expressões faciais, direção do olhar, orientação do tronco, uso do espaço e seleção de sinais participam da interpretação. A tradução torna visível, assim, um princípio aplicável ao bilinguismo

em sentido mais amplo: compreender uma mensagem em uma língua e produzi-la em outra requer reconfigurar a cena conceitual de acordo com recursos linguísticos disponíveis.

Albres (2025) examina a criação e a ampliação terminológica em processos de tradução de português para Libras, aproximando iconicidade e mapeamento mental. Em áreas acadêmicas e técnicas, o problema não é apenas encontrar um rótulo para um termo em português, mas elaborar uma forma sinalizada capaz de integrar características conceitualmente relevantes. A criação de sinais-termo envolve práticas sociais de negociação e validação, o que demonstra que conceptualização é ao mesmo tempo cognitiva e comunitária. Um conceito especializado passa a circular quando a comunidade estabelece formas reconhecíveis, adequadas às práticas discursivas e compatíveis com a estrutura da Libras.

Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025) chegam a resultado semelhante ao analisar terminologia de saúde e biossegurança. Os autores tratam a corporeidade como princípio estruturante e ressaltam a multimodalidade no registro e na validação de sinais. Na conclusão, destacam a função semântica do espaço de sinalização:

Além disso, o espaço de sinalização é empregado como um verdadeiro domínio semântico: ao utilizar a região à frente do corpo como campo de atuação simbólica, o sinal torna visível a localização de conceitos que, de

outra forma, seriam abstratos. Essa construção revela que o pensamento em Libras não é apenas sequencial ou gramatical, mas profundamente visual, espacial e sensorial – uma linguagem ancorada na experiência corpórea e perceptiva humana (Francisco; Bourguignon; Castro Júnior, 2025, p. 394).

A formulação é relevante para a compreensão de como o espaço pode funcionar linguisticamente. Não se trata de um cenário neutro em torno do sinalizante, mas de um recurso para localizar referentes, estabelecer relações, recuperar participantes e projetar estruturas conceptuais. A modalidade visuoespacial possibilita que determinadas relações sejam apresentadas simultaneamente ou distribuídas no espaço, enquanto o português escrito recorre a outras estratégias de coesão, ordem sintática, referenciação e descrição. O sujeito bilíngue precisa aprender não apenas vocabulários diferentes, mas modos distintos de organizar linguisticamente uma cena.

Silva e Machado (2025) e Albres (2025) também permitem compreender que a passagem entre línguas envolve criatividade. O sentido original precisa ser interpretado e reconstruído, levando-se em conta público, propósito e efeitos discursivos. Para o sujeito surdo que lê ou produz português como L2, há processo semelhante de tomada de decisões: selecionar construções, controlar formas morfossintáticas, organizar informações e adaptar um conteúdo conceptual a convenções da escrita. A mediação em Libras pode

apoiar essas decisões sem eliminar a necessidade de aprendizagem das estruturas específicas do português.

Síntese: conceptualização e construção de sentidos no sujeito bilíngue surdo

A articulação dos estudos examinados permite propor uma compreensão integrada do bilinguismo Libras–Português. Em primeiro lugar, o bilinguismo é variável e situado: Libras e português podem assumir funções diferentes conforme interlocutor, espaço social e trajetória individual (Rubio; Souza, 2021). Em segundo lugar, a Libras oferece recursos visuoespaciais e corporais que participam da conceptualização, incluindo esquemas imagéticos, mapeamentos metafóricos e relações espaciais (Santos, 2017; Sessa; Bernardo, 2022). Em terceiro lugar, o português escrito constitui uma L2 cuja aprendizagem pode ser mediada por conhecimentos já construídos em Libras, mas requer desenvolvimento de repertório lexical, gramatical e discursivo próprio (Silva, 2017; Claudio; Quiles, 2022).

Esses três princípios impedem duas reduções frequentes. A primeira seria tratar o bilinguismo como soma de competências independentes, ignorando que o usuário mobiliza repertórios de forma dinâmica. A segunda seria explicar todas as diferenças de leitura ou aprendizagem pela surdez em si, desconsiderando acesso linguístico e história educacional. Uma abordagem cognitiva permite deslocar a

análise para as condições em que os sentidos são construídos: quais experiências foram disponíveis, que língua possibilitou a primeira explicitação de determinado conceito, quais práticas de leitura e escrita foram vivenciadas e que recursos multimodais podem apoiar novas aprendizagens.

Nesse quadro, a experiência visual não funciona como essência imutável, mas como dimensão relevante de muitos percursos surdos. A língua de sinais organiza visualmente relações que podem ser corporificadas e espacializadas; a escrita, por sua vez, também é visual e pode ser apropriada por rotas que valorizam reconhecimento lexical, contexto e significado. Capovilla e Cecconi (2022) mostram a necessidade de distinguir operações de processamento associadas às diferentes modalidades, enquanto Silva (2017) destaca o papel da mediação de Libras na aprendizagem da língua escrita. A convergência entre esses trabalhos sugere que visualidade precisa ser estudada em conexão com linguagem, cognição e experiência, e não isoladamente.

Por fim, a perspectiva cognitiva fornece uma base para compreender por que o ensino de português como L2 deve ser semântico, discursivo e contextualizado. O estudante precisa construir cenas, relações e propósitos antes de dominar plenamente todas as formas da L2. A Libras pode oferecer o espaço linguístico em que esses sentidos são negociados, enquanto o português se desenvolve

por meio de práticas graduais de leitura e produção. Tal posição não reduz a exigência de aprendizagem formal da escrita; ao contrário, cria condições para que estruturas do português sejam ensinadas em relação a significados que o estudante consegue compreender, discutir e reorganizar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste artigo permite concluir que o bilinguismo Libras–Português adquire maior precisão teórica quando compreendido como fenômeno simultaneamente linguístico, cognitivo, modal e sociocultural. A condição bilíngue de sujeitos surdos não se resume ao domínio de dois repertórios separados, porque Libras e português são mobilizados em práticas concretas nas quais conceitos, inferências, experiências corporais e conhecimentos de mundo se articulam. O caráter bimodal desse bilinguismo acrescenta uma dimensão decisiva: as línguas oferecem recursos diferentes para materializar relações semânticas e discursivas, exigindo do usuário estratégias de reconfiguração e integração.

Sob a ótica da Linguística Cognitiva, a conceptualização constitui o eixo que permite aproximar estudos sobre Libras e estudos sobre português como L2. Significados não são entidades prontas transportadas entre línguas; são construções perspectivadas, dependentes de contexto e experiência. Os trabalhos analisados sobre

metáfora conceptual, iconicidade e esquemas imagéticos mostram que a Libras pode espacializar conceitos abstratos e mobilizar padrões corporificados na organização semântica. A análise de sinais relacionados ao tempo, de metáforas orientacionais e de formas icônicas reforça que espaço e corpo participam da gramática e do discurso sem eliminar a convencionalidade linguística.

A corporeidade mostrou-se igualmente relevante. O corpo não aparece apenas como articulador mecânico dos sinais, mas como recurso de referenciação, orientação e construção de relações. Os estudos de tradução e terminologia evidenciam que movimentos, expressões, direção e espaço contribuem para a reconstrução de mensagens e para a elaboração de sinais-termo. Essa constatação ajuda a compreender por que correspondências palavra por palavra entre português e Libras são insuficientes: a passagem entre modalidades exige reconstruir cenas e selecionar recursos adequados à língua-alvo.

No que se refere ao português escrito, a literatura examinada reafirma a importância de tratá-lo como segunda língua em contextos nos quais a Libras constitui a língua de maior acessibilidade para interação e instrução. A mediação da L1 não deve ser interpretada como obstáculo ao aprendizado da escrita. Pelo contrário, ela pode oferecer condições para a explicitação de conceitos, para a comparação entre construções e para a produção de hipóteses sobre a L2. Recursos visuais e multimodais podem potencializar esse processo

quando participam efetivamente da organização de sentidos, e não quando são utilizados apenas como elementos ilustrativos.

Também se conclui que a experiência visual precisa ser tratada de maneira não determinista. Embora diferentes estudos apontem seu papel relevante na significação, na leitura e na organização espacial da Libras, não existe um único perfil cognitivo que possa ser atribuído a todas as pessoas surdas. Histórias de aquisição, contextos familiares, escolarização, repertório linguístico, pertencimento comunitário e oportunidades de uso produzem configurações diversas. A noção de sujeito bilíngue surdo, portanto, deve conservar a dimensão coletiva da língua e da cultura sem apagar diferenças individuais.

Do ponto de vista educacional, a principal implicação é a necessidade de ambientes linguisticamente acessíveis, nos quais Libras e português possam exercer funções claras e complementares. A Libras precisa estar disponível como língua de interação, explicação e construção de conhecimentos, enquanto o português escrito deve ser ensinado sistematicamente como L2 por meio de práticas de leitura e produção contextualizadas. Atividades que permitam reconstruir uma mesma cena em Libras e em português, comparar perspectivas, organizar visualmente informações e discutir escolhas lexicais e gramaticais podem favorecer consciência metalinguística e autonomia.

Como limite, este estudo apresenta natureza bibliográfica e reúne pesquisas com objetos distintos, que vão do bilinguismo sociolinguístico à metáfora conceitual, do processamento da leitura à tradução e à terminologia. A aproximação entre esses campos foi realizada para construir uma interpretação teórica integrada, não para afirmar equivalência entre seus métodos ou resultados. Estudos futuros podem ampliar essa interface por meio de investigações empíricas com sujeitos surdos bilíngues, analisando em tarefas reais como conceitos são reconstruídos entre Libras e português, quais estratégias são mobilizadas na leitura e na escrita e como diferentes trajetórias de aquisição influenciam tais processos.

Em síntese, compreender o bilinguismo Libras-Português sob a ótica da Linguística Cognitiva significa reconhecer que linguagem, corpo, espaço, experiência e cultura atuam conjuntamente na produção de sentidos. A Libras não é um apoio acessório ao português, nem o português escrito uma mera codificação de significados previamente sinalizados. Cada língua oferece possibilidades próprias de perspectivar a experiência. O sujeito bilíngue constrói sua atuação linguística ao relacionar essas possibilidades, ampliando formas de aprender, interpretar, produzir textos, traduzir conceitos e participar de diferentes esferas sociais. É nessa articulação, marcada pela heterogeneidade e pela agência dos sujeitos surdos, que se encontra a

contribuição mais produtiva de uma abordagem cognitiva do bilinguismo bimodal.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. Estudos sobre a cognição e a tradução de Línguas de Sinais: criação social e ampliação terminológica.

Revista Linguística, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 215-229, maio/ago. 2025. DOI: 10.31513/linguistica.2025.v21n2a68162.

Disponível em:

<https://doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n2a68162>. Acesso em: 2 set. 2026.

CAPOVILLA, Fernando César; CECCONI, Cibele. Português e Libras: processamento cognitivo via ouvido, olho e mão. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 39, n. 119, p. 153-171, 2022. DOI: 10.51207/2179-4057.20220014. Disponível em:

<https://doi.org/10.51207/2179-4057.20220014>. Acesso em: 15 jul. 2026.

CLAUDIO, Adriana Pereira; QUILES, Raquel Elizabeth Saes. Estratégias pedagógicas para o ensino de Língua Portuguesa para crianças surdas. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 7, e72965, 2022. DOI: 10.5216/rs.v7.72965. Disponível em:

<https://doi.org/10.5216/rs.v7.72965>. Acesso em: 4 set. 2026.

COSTA, D. A. F. **A apropriação da escrita por crianças e adolescentes surdos**: interação entre fatores contextuais, L1 e L2 na busca de um bilinguismo funcional. 2001. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

FRANCISCO, Gildete da S. Amorim Mendes; BOURGUIGNON, Saulo Cabral; CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. Linguística cognitiva e estudos gramaticais da Libras: sinais técnicos em saúde e

biossegurança. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 379-397, maio/ago. 2025. DOI: 10.31513/linguistica.2025.v21n2a68155. Disponível em: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n2a68155>. Acesso em: 8 set. 2026.

KATO, Mary Aizawa. No mundo da escrita: uma perspectiva **psicolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

MARTINS, Gabriel Pigozzo Tanus Cherp. Os desafios da implementação de um modelo bilíngue de educação de surdos. **Revista SCIAS Língua de Sinais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 54-65, 2025. DOI: 10.36704/sciasls.v4i1.9596. Disponível em: <https://doi.org/10.36704/sciasls.v4i1.9596>. Acesso em: 12 jul. 2026.

RUBIO, Cássio Florêncio; SOUZA, Joyce Cristina. Perfil sociolinguístico dos surdos de São Carlos: o bilinguismo bimodal Libras/língua portuguesa. **Signótica**, Goiânia, v. 33, e68412, 2021. DOI: 10.5216/sig.v33.68412. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/sig.v33.68412>. Acesso em: 16 jul. 2026.

SANTOS, Cristian. Ícones metaforizados e iconicidade em Libras. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 59, n. 2, p. 419-437, maio/ago. 2017. DOI: 10.20396/cel.v59i2.8648382. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/cel.v59i2.8648382>. Acesso em: 18 jul. 2026.

SESSA, Glênia Aguiar Belarmino da Silva; BERNARDO, Sandra Pereira. Conceptualização de sinais para tempo na Libras: metáfora e instrumentos linguísticos. **Revista do GELNE**, Natal, v. 24, n. 2, p. 183-198, dez. 2022. DOI: 10.21680/1517-7874.2022v24n2ID29946. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2022v24n2ID29946>. Acesso em: 3 set. 2026.

SESSA, Glênia Aguiar Belarmino da Silva; SOUZA, Adriana Baptista de; NUNES, Valéria Fernandes. Metáfora conceitual e

musicalidade em Libras. **EntreLetras**, Araguaína, v. 16, n. 1, p. 384-400, jan./abr. 2025. DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19554. Disponível em: <https://doi.org/10.70860/ufnt.entreletras.e19554>. Acesso em: 9 set. 2026.

SILVA, Giselli Mara da. O português como segunda língua dos surdos brasileiros: uma apresentação panorâmica. **Revista X**, Curitiba, v. 12, n. 2, p. 130-150, 2017. DOI: 10.5380/rvx.v12i2.51140. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/rvx.v12i2.51140>. Acesso em: 22 jul. 2026.

SILVA, Rafael Monteiro da; MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da linguística cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 93-113, maio/ago. 2025. DOI: 10.31513/linguistica.2025.v21n2a68252. Disponível em: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n2a68252>. Acesso em: 10 set. 2026.

SOUZA, Pedro Paulo Ubarana de; SANTOS, Ricardo Yamashita. Projeções metafóricas em Libras: processos cognitivos subjacentes da formação da linguagem. **Linguasagem**, São Carlos, v. 31, n. 1, p. 35-56, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/500>. Acesso em: 28 jul. 2026.